



A Parte do Leitor:

Estudo sobre a Leitura Não-linear de Notícias no Portal G1¹

Luis Antonio Palma HANGAI²
Cynthia Harumy Watanabe CORRÊA³
Universidade Estadual de Londrina, Paraná, PR

Resumo

Este artigo faz uma análise da estrutura da notícia não-linear presente no jornalismo praticado pelo portal G1, pertencente às Organizações Globo. Pretende-se expor de que maneira o usuário participa da construção do sentido das notícias veiculadas na internet. Além de identificar como o jornalismo praticado neste meio vem explorando recursos de multimídia e hipertexto para proporcionar conteúdos flexíveis, de modo a possibilitar maior interação com o leitor.

Palavras-chave: jornalismo online; leitura não-linear; hipermídia; portal G1.

Introdução

Para muitos, o jornalismo é um só. Uma profissão voltada para a averiguação, tratamento e difusão de notícias, exercida por profissionais de variados graus de especialização. Contudo, esta prática social muito depende do meio de comunicação a qual está atrelada. O modelo impresso, o mais antigo, possui um histórico peculiar que vai dos panfletos políticos às grandes empresas capitalistas. Depois surgiram o rádio, com sua instantaneidade e imediatismo, e a televisão, o ápice da comunicação de massa. A partir destes três meios, diversas teorias do jornalismo foram fundadas para se descobrir os efeitos positivos e negativos da comunicação. Agora, a sociedade encontra-se numa era diferente, num contexto, segundo alguns autores, amplamente informacional. As novas tecnologias, assim como as mais antigas fizeram em tempos

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 4º ano do Curso de Jornalismo do CECA-UEL. Email: palma.luisantonio@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. Professora do Curso de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina-UEL, email: cynthiahwc@gmail.com



passados, reestruturam dia-a-dia a cultura humana no percurso da História. E hoje os jornalistas encontram um (não tão) novo meio de atuação: a internet. Neste sentido, novas linguagens surgem, assim como também surgem novas maneiras de estruturar a notícia para que ela melhor se encaixe ao meio onde será difundida.

Internet e o Novo Paradigma Social

A partir de dados empíricos, Castells (1999) faz uma abrangente análise da sociedade atual e suas estruturas, que se reconfiguraram após o desenvolvimento das chamadas tecnologias da informação. A princípio, as tecnologias não são determinantes para os rumos das sociedades, mas concedem condições para a continuidade dos processos históricos, ou seja, são componentes fundamentais para as construções socioculturais no decorrer do tempo. Para o autor, as tecnologias da informação subsidiaram rupturas com a era moderna e industrial e, por conseguinte, permitiram o advento das sociedades informacionais. Aqui um novo paradigma entra em cena, remodelando todas as esferas sociais tais como a política, a economia e a cultura.

Pode-se afirmar que este novo paradigma teve seu início concomitante ao surgimento e evolução das tecnologias microeletrônicas da década de 1970. Foi a partir destas inovações que trabalhar e processar informações tornou-se cada vez mais ágil e necessário. Esta “revolução tecnológica” implicou uma readequação no modelo capitalista de produção. A adoção de tais tecnologias era imprescindível para dinamizar a lógica da lucratividade propulsora do sistema. Processar informação, portanto, agora é crucial para a manutenção da ordem atual cuja organização é centrada no trabalho qualitativo sobre o meramente quantitativo.

Castells (1999) ainda traça um panorama da comunicação de massa, capitaneada pela televisão nas décadas anteriores, e de sua transição para o modelo interativo possibilitado pelo desenvolvimento da comunicação entre computadores. Nesta perspectiva, a internet se estabelece como o típico meio de comunicação da sociedade em rede: horizontal e descentralizado. Basta hoje o indivíduo estar munido com um computador e um aparelho para conexão para ter acesso ao imenso banco de dados que define a internet. E nesta infinitude de informações, o usuário tem a liberdade para consumir as informações que deseja, assim como, cada vez mais evidente com a proliferação dos blogs, também é capaz de publicar seu próprio conteúdo.



A comunicação de massa, nos últimos anos, está sofrendo uma série de mudanças em função do advento das novas tecnologias da informação. A pesquisa de Dizard (2000) demonstra de que maneira os satélites, sistemas a cabo e, sobretudo, a internet modificam a estrutura e a forma de transmitir informação das mídias tradicionais, tais como a televisão, o rádio e os jornais impressos. De acordo com o autor, embora as mídias digitais estejam ganhando cada vez mais espaço no cotidiano das pessoas, os antigos veículos não irão desaparecer tão cedo, mas precisarão se adequar aos novos aparatos técnicos, que hoje são ferramentas indispensáveis nos processos produtivos midiáticos e noticiosos.

As novas tecnologias exigem, por consequência, novas capacitações e especializações. Portanto, os profissionais da mídia tradicional, em geral, acostumados com o modelo de comunicação centralizada e de massa, cuja transmissão parte de um pequeno grupo para se atingir grande público homogêneo, precisarão se qualificar de acordo com as novas ferramentas tecnológicas, mais interativas, versáteis e menos limitantes para o consumidor. Os jornalistas precisam saber que os leitores de notícias de internet prezam pela leitura não-linear, pelos conteúdos multimídia que são acessados segundo suas próprias vontades através do cliques no mouse. É disso que se trata novas capacitações e estratégias para a publicação jornalística nos novos meios digitais: um conhecimento sobre a essência do meio onde se veicula a mensagem, neste caso a mensagem jornalística.

Lendo a Internet

Embora contenha livros, a internet não é um livro. Não se pode lê-la do início ao fim com a idéia de se aprofundar no texto. É muito mais comum encontrar e ler fragmentos multimidiáticos que não necessariamente mantêm um vínculo de sentido com outros fragmentos. Com base nos estudos de Santaella (2004), pode-se afirmar que o usuário de internet desenvolve um tipo de leitura e um perfil cognitivo bastante distintos do típico leitor de livros, revistas, jornais etc:

[...] um leitor que navega numa tela, programando leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles. Não é mais tampouco um leitor contemplativo que segue as sequências de um texto, virando páginas, manuseando volumes, percorrendo com passos lentos à biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre



palavras, imagens, documentação, música, vídeo etc. (SANTAELLA, 2004, p.33)

Em outra passagem de seu texto, a autora demonstra que o leitor da internet não apenas assume a condição de receptor passivo, mas também de um agente que ao mesmo tempo em que recebe a mensagem também interage com ela, definindo novos rumos de leitura, ignorando ou acessando os links na tela do monitor. Para além dessa interação com o conteúdo, hoje é possível perceber a crescente expansão de matérias produzidas e publicadas pelos próprios internautas.

A mensagem passa a ser um programa interativo que se define pela maneira como é consultado, de modo que a mensagem se modifica na medida em que atende às solicitações daquele que manipula o programa. [...] Por intermédio de instrumentos materiais (tela, mouse, teclado) e imateriais (linguagem de comando), o receptor transforma-se em usuário e organiza sua navegação como quiser em um campo de possibilidades cujas proporções são suficientemente grandes para dar a impressão de infinitude (SANTAELLA, 2004, p.163).

Eco (1968) aplica a noção de obra aberta como uma categoria explicativa e hipotética que melhor retrata as obras realizadas nos tempos atuais. Seria, portanto, um modelo comum para se analisar fenômenos culturais que se emanciparam de outros contextos, como o medieval, por exemplo, que restringia severamente a valorização da ambigüidade e a participação ativa do interlocutor da obra artística. Pode-se entender que a idéia de obra aberta remete à estrutura comum a toda e qualquer obra que venha se estabelecer atualmente como até certo momento inacabada, de múltiplos sentidos, os quais serão revelados pelos próprios fruidores de tais objetos.

A obra aberta, segundo o autor, possuirá sempre uma mensagem não totalmente acabada e definida, pois seu significado final não será apenas responsabilidade do autor, mas também daquele que absorve seu conteúdo, ou seja, o receptor. E mesmo obras consideradas “fechadas”, aquelas em que o autor tenta limitar ao máximo sua mensagem real, serão passíveis de interpretações diversas, que variam segundo contextos e culturas diferentes. Percebe-se, então, maior valorização do sujeito receptor de mensagens das obras abertas, já que ele será elemento fundamental na construção de sentido. Emissor e receptor travam um diálogo de maior amplitude: o primeiro pode manipular a linguagem para agregar ambigüidade e multivocalidade, enquanto o segundo deve se esforçar para desvendar as possibilidades interpretativas.



No entanto, é preciso compreender que uma obra aberta não é necessariamente uma obra com mensagem ausente a ponto de o receptor poder reconstruí-la em sua totalidade. Eco (1968) afirma que, mesmo fluídas e dotadas de multiplicidade, uma obra aberta ainda retém alguns caminhos pelos quais o leitor se guiará. A obra condiciona a leitura do receptor ao conceder-lhe os símbolos necessários para a reflexão e conclusão do sentido, mas mesmo assim tal obra, apesar de seu discurso e sentido, abre margens para que o receptor transcenda a própria obra e alcance outros significados. O autor cita os escritores Kafka e Joyce como exemplos de artistas que produziram obras capazes de evocar inesgotáveis interpretações por parte do leitor. No Brasil, um exemplo clássico seria Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, quando o escritor instala a dúvida da traição de Capitu e leva o receptor a imaginar qual seria a verdade oculta na história.

A poética da obra ‘aberta’ tende [...] a promover no intérprete ‘atos de liberdade consciente’, pô-lo como centro ativo de uma rede de relações inesgotáveis, entre as quais ele instaura sua própria forma, sem ser determinado por uma necessidade que lhe prescreva os modos definitivos de organização da obra fruída. Mas [...] poder-se-ia objetar que qualquer obra de arte, ainda que não se entregue materialmente inacabada, exige uma resposta livre e inventiva, mesmo porque não poderá se tornar realmente compreensível se o intérprete não a reinventar num ato de congenialidade com o autor (ECO, 1969, p.41).

A noção de obra aberta, embora tenha sido publicada em meados dos anos 1960, é bastante pertinente para se compreender os fenômenos que decorrem no campo do digital. Sites e portais noticiosos trabalham com uma abertura de espaço para a ação do interlocutor que há alguns anos não era normalmente praticada nas redações. A possibilidade de acessar estruturas narrativas não-lineares já é um aspecto que remete à abertura de obras e multiplicação de sentidos. O usuário, por meio de seu teclado e mouse, trilha seu caminho por conta e risco, caminhando pelos diversos vieses oferecidos pela estrutura hipermediática.

Multimídia não-linear

Até agora foi analisado o contexto no qual a internet se insere e alguns de seus aspectos no que tange à leitura e o acesso a seus conteúdos, fatores que a tornam um inovador e atraente meio de comunicação. Resta, então, a análise do jornalismo praticado em tal meio e de como as características de hipertexto, multimídia e participação do leitor afetam a concepção da notícia em um portal noticioso. Para tanto, o portal de notícia G1, das Organizações Globo, foi selecionado como objeto para este



estudo, pois é um dos sites eletrônicos com maior número de acessos, além de explorar muitos dos atributos expostos até aqui. Devido à imensa quantidade de informações disponíveis no G1, foi uma opção focar somente em um tema tratado à exaustão pela mídia nacional: a queda do Airbus da Air France do voo 447, que partiu do Rio de Janeiro no dia 31 de maio de 2009 em direção a Paris, França. Neste trabalho, será apenas abordada a maneira com que o G1 publicou as notícias referentes ao trágico evento e como levou em consideração as peculiaridades e a linguagem exclusiva da internet.

Segundo Canavilhas (2001), a escrita da notícia digital incorpora não apenas o modelo tradicional da escrita impressa como também sugere conteúdos multimídia e leitura fragmentada sobre a qual o leitor pode estipular ritmo e seqüência. Técnicas de redação do jornalismo impresso ainda são bastante utilizadas em portais noticiosos como, por exemplo, o lead e a pirâmide invertida. Porém, a liberdade que o leitor tem de transitar por entre blocos de informações – independentes, mas complementares – é sem dúvida uma possibilidade nova sugerida pelo hipertexto. Ademais, a confluência de mídias diversas tende a acentuar a internet como inovadora não necessariamente no aspecto gerador, mas na reutilização complexa, fluida e complementar de modelos concebidos no decorrer da história da comunicação.

O meio digital suporta diferentes tipos de mídias além do texto, como vídeos, imagens e sons. Assim, um jornal online pode facilmente oferecer uma notícia escrita acompanhada com diversas fotos, gráficos dinâmicos, um vídeo explicativo e até mesmo a reprodução sonora de uma entrevista qualquer. No G1 é muito comum aparecer conteúdos multimídia atrelados aos textos informativos. Um infográfico (fig. 1) foi produzido especialmente para a cobertura da queda do Airbus, contendo em síntese sobretudo informações numéricas referentes à quantidade de vítimas e aos dados do próprio avião como peso e capacidade de carga. Além do mais, a reprodução visual da trajetória do avião de sua decolagem até sua queda facilita a compreensão do que pode ter acontecido realmente. No entanto, o G1 utiliza esse recurso multimídia apenas em eventos de grande repercussão midiática.



Figura 1

Ao contrário dos infográficos presentes na mídia impressa, o da mídia digital permite, por meio de seus links internos, acesso a fragmentos de informação que podem ser lidos de forma não-linear. Embora as informações contidas no infográfico sejam bastante limitadas (ao todo são 10 quadros informativos), o fato de poder se desmembrar em múltiplos quadros, cada um contendo uma leva de dados específica, pode ser considerado uma nova fórmula, cabível apenas no meio digital, de utilizar tal recurso.

Segundo Bastos (2000), algumas qualidades comunicacionais da internet podem não ser totalmente novas em relação aos meios tradicionais, mas o fato destas qualidades estarem todas agrupadas em um mesmo veículo é algo realmente inovador para o contexto da comunicação social. É possível encontrar na dinâmica virtual mediada por computadores apelo sensorial promovido pela convergência de mídias (voz, texto, vídeo, imagens etc.); quebra da linearidade da narrativa com o advento do hipertexto; modelo de organização auto-organizável pelos próprios internautas; mensagens instantâneas e, sobretudo, maior interatividade ao passo em que os agentes da comunicação no interior da Internet não adotam necessariamente modelos hierárquicos na propagação dos conteúdos e, por isso, é permitido inferir diretamente na construção da mensagem.

Labirinto no jornalismo

Leão (1999) analisa a linguagem hipermídia a partir da metáfora do labirinto, pois ambos se assemelham em diversos aspectos, a começar pela própria arquitetura que



ambas engendram. Esta arquitetura é marcada principalmente por caminhos interconectados, recheada de encruzilhadas que desembocam fatalmente em outras encruzilhadas, fato que leva o viajante de tal estrutura a ter uma experiência de perdição e encontro simultaneamente. De acordo com a autora, tal estrutura é basicamente formada por lexias: pequenos blocos ou conjuntos de conteúdo significativo. Estas unidades são ligadas por *links*, elementos interativos que funcionam como portas de entrada e saída para outras lexias que compõe o universo da internet. Isso leva a crer que o acesso que se dá até o material disponível hoje no ciberespaço acontece de maneira fragmentada, descontínua, não-linear, pois as possibilidades da trajetória na web, assim como o próprio labirinto o faz, são altamente diversas e imprevisíveis.

O que distingue a hipermídia é a possibilidade de estabelecer conexões entre diversas mídias e entre diferentes documentos ou nós de uma rede. Com isso, os ‘elos’ entre os documentos propiciam um pensamento não linear e multifacetado. O leitor em hipermídia é um leitor ativo, que está a todo momento estabelecendo relações próprias entre diversos caminhos. Como um labirinto a ser visitado, a hipermídia nos promete surpresas, percursos desconhecidos... (LEÃO, 1999, p.16).

No campo da comunicação digital, os jornalistas deverão rever posturas e técnicas profissionais para melhor se adequarem a um meio de comunicação que, por natureza, valoriza as ações dos receptores na elaboração das narrativas noticiosas e traz consigo sua linguagem inerente da hipermídia. Através de ferramentas de busca e de programas de publicação e manutenção de notícias estruturadas em hipermídia, o jornalista se vê mais na condição de “ponte” entre o conteúdo e o leitor. Importante lembrar que este leitor tem o poder, no âmbito da web, de ditar os rumos da leitura deste conteúdo, o que não é visto com muita frequência nos meios tradicionais. No entanto, é o jornalista que define as possibilidades existentes de ler uma matéria.

O G1 atualmente acumula muitas notícias referentes à queda do Airbus e as compila de acordo com os dias. Ao acessar a página central do tema do Airbus o leitor se depara com uma grande lista que contém todas as publicações desde o início da cobertura. Ao selecionar uma data específica (fig. 2), é possível, então, acessar as notícias que foram divulgadas naquela mesma data. Percebe-se que o leitor dialoga com uma obra aberta, pois constrói o sentido à medida que escolhe os links (em vermelho), mas tem suas opções limitadas de acordo com aquilo que fora publicado pelos jornalistas do G1.



QUINTA (25)

- **19h26. 51 corpos.** As autoridades divulgaram que já foram resgatados **51 corpos de vítimas**.
- **18h44. Destroços.** Destroços do avião devem chegar ao porto do Recife na tarde desta sexta. **Os objetos estão a bordo da Fragata Bosisio**.
- **16h46. Enterro no Rio.** Foi enterrado às 16h40 no Cemitério São João Batista, em Botafogo, na Zona Sul do Rio, **o corpo do brasileiro Lucas Gagliano, comissário de bordo do voo 447**.
- **10h06. Enterro em SC.** O corpo da funcionária pública Deise Possamai, que estava no voo, deve ser enterrado nesta quinta. Segundo a assessoria de imprensa da Prefeitura de Nova Veneza (SC), **o pai de Deise é secretário da cidade e foi até o Recife para reconhecer oficialmente e liberar o corpo**.
- **7h54. Corpo identificado.** O corpo do piloto do voo 447 foi um dos identificados entre os já recuperados do Oceano Atlântico, **informou a Air France nesta quinta em comunicado em seu site**.

Figura 2

Ao clicar sobre um dos links (em vermelho), surge na tela a notícia (fig. 3) que se desejava acessar. Dando continuidade à leitura não-linear, o usuário tem mais uma vez uma gama de opções para dar continuidade ao seu percurso de compreensão dos acontecimentos noticiados. A sessão “Saiba Mais” oferece ao leitor as notícias mais próximas daquela que ele está lendo, demonstrando uma maneira conveniente de publicar e, sobretudo, organizar a grande quantidade de informações armazenadas pelo portal.

Vítima do voo 447 deve ser enterrada nesta quinta em SC

Pai de Deise Possamai viajou para o Recife às pressas.
Air France informou que piloto e tripulante foram identificados.

Do G1, em São Paulo, com informações do ClicRBS*

Tamanho da letra

A- A+

saiba mais

Mortes do voo 447 ocorreram por impacto, diz médico

Equipes localizam possíveis destroços de avião da Air France

Navio com corpo de vítima do voo 447 chega ao Recife

Três corpos de vítimas do voo 447 são embalsamados em Pernambuco

Veja imagens dos destroços do voo 447 que chegaram ao Recife

O corpo da funcionária pública Deise Possamai, que estava no voo 447 da Air France, deve ser enterrado nesta quinta-feira (25). Segundo a assessoria de imprensa da Prefeitura de Nova Veneza (SC), o pai de Deise é secretário da cidade e foi até o Recife para reconhecer oficialmente e liberar o corpo.

Cobertura completa: voo 447

O pai dela, Valdir Possamai, viajou às pressas na terça-feira (23), para a capital pernambucana. A previsão é de que o corpo chegue à cidade catarinense no início da tarde e o sepultamento ocorra às 17h.

Deise **viajava** para a França para participar

Figura 3

Pirâmides no Jornalismo

Uma das principais técnicas de redação empregada no jornalismo impresso é a da pirâmide invertida. Esta técnica caracteriza-se por apresentar o topo da notícia com os dados julgados pelo jornalista como os mais importantes, construindo-se, desta maneira, o lead que responde as perguntas básicas quem, quando, onde, como e por quê. A segunda e terceira parte da pirâmide invertida correspondem seqüencialmente às informações de menor importância e à conclusão da notícia. Para Canavilhas (2007), a técnica da pirâmide invertida, embora detenha seu lugar na mídia impressa, não seria a estrutura ideal para o webjornalismo. Nos últimos anos, com o avanço da tecnologia digital e da própria internet, recursos interativos e hipertextuais tornaram-se elementares no ambiente da web.

Para acompanhar as possibilidades de navegação não-linear proporcionadas pelo ciberespaço, o texto jornalístico deve abandonar a forma rígida inerente do impresso. Através de links e menus interativos, o leitor deverá ditar seu próprio percurso da notícia, acessando os tópicos que mais despertam seu interesse, tendo também a opção de voltar para um bloco de texto anterior e refazer sua leitura.

O autor conclui, então, que a melhor estrutura para o webjornalismo é a pirâmide deitada. De início, seriam apresentadas as informações básicas, lembrando o lead, em segundo lugar viriam os tópicos explicativos (como e por quê), a terceira parte seria destinada aos textos de contextualização do assunto em pauta e por quarto, e último, seria a vez da exploração geral sobre o tema central. Neste último estágio, o leitor encontraria um vasto material armazenado digitalmente e composto de textos, fotos, gráficos e vídeos que poderiam acrescentar ainda mais a sua pesquisa. Toda esta arquitetura estaria repleta de caminhos e possibilidades de leitura, dando ao leitor a liberdade de transitar por entre estas (e dentro destas) quatro partes da pirâmide deitada.

Embora o G1 não apresente fielmente esta estrutura, é possível perceber no portal de notícias algumas semelhanças com aquilo que Canavilhas (2001, 2007) acredita ser a técnica ideal para o jornalismo online. Por exemplo, a parte da contextualização histórica, do acesso a um extenso material digital composto por diversas mídias e de conteúdos complementares, normalmente, é exposto logo na página principal (fig. 4) sobre a queda do Airbus da Air France.

Air France voo 447: cobertura completa

Mais 21 corpos foram identificados, segundo a PF.
Segundo investigações, avião não foi destruído durante o voo.

Do G1, em São Paulo

Tamanho da
letra
A- A+

Um Airbus da Air France que partiu do Rio no dia 31 de maio em direção a Paris caiu sobre o Oceano Atlântico. O voo AF 447 levava 228 pessoas.

As investigações dos motivos do acidente indicam a princípio que o avião não foi destruído durante o voo.

Leia abaixo o noticiário sobre o caso.

- [Veja lista de passageiros](#)
- [Saiba mais sobre o voo AF 447](#)
- [Saiba o que ainda é dúvida](#)
- [Perguntas e respostas](#)
- [Glossário com termos do acidente](#)
- [Veja galeria de fotos](#)
- [Veja mais vídeos](#)
- [Piores acidentes da história](#)
- [Como funcionam as caixas-pretas](#)
- [Veja o relevo do local das buscas](#)

[Acompanhe as notícias do G1 no Twitter](#)

Figura 4

Observa-se a presença de informações sobre listas de passageiros, dúvidas sobre a queda do avião, perguntas e respostas, galeria de fotos e vídeos, informações sobre como funcionam as caixas-pretas e ainda uma compilação dos considerados piores acidentes aéreos da história. Tudo isso contribui para ampliar o conhecimento do leitor acerca do tema em questão. Provavelmente essa quantidade de material não seria cabível em uma única edição de um jornal impresso, a menos que este estivesse somente empenhado em retratar o acidente aéreo, o que de fato não acontece. Todavia, na web isso é possível graças à facilidade de se armazenar e organizar o conteúdo totalmente digital. Assim, a pirâmide deitada encaixa-se com maior aproveitamento no âmbito da web em detrimento da pirâmide invertida, mesmo que o G1 utilize apenas parte da idéia proposta por Canavilhas (2007).

Considerações finais

O jornalismo atual encontra-se em meio a um incerto, mas extremamente significativo, paradigma comunicacional que vem sendo desenvolvido a partir das inovações tecnológicas, sobretudo a internet. O novo meio digital sugere reformulações da linguagem e dos critérios jornalísticos que não pode ser desprezado se a intenção é



explorar os recursos e as possibilidades que a era da digitalização nos oferece. Embora o jornalismo praticado no âmbito da web tenha herdado elementos das mídias tradicionais, tais como o texto, a sonoridade e o vídeo, ele apresenta características bastante peculiares que irão deslocar o conceito vigente de notícia para novas idéias e elaborações.

Portanto, é preciso compreender a nova identidade da notícia nos meios digitais, pois mesmo que ela continue a ser definida segundo critérios estabelecidos no decorrer do desenvolvimento da imprensa, não podemos ignorar o fato de que a internet força a reformulação destes mesmos critérios. Sendo assim, a leitura não-linear em um portal de notícias como o G1 não apenas expressa a idéia de textos fragmentados conectados por links, mas, principalmente, leva à reflexão de que o jornalismo, embora mantenha muitos valores éticos e técnicos primários, modifica sua maneira de expor notícias de acordo com o meio em que é veiculado. E no caso do jornalismo online essa diferença é acentuada pela capacidade do usuário ter uma participação ativa no decorrer de sua leitura.

Referências

BASTOS, Helder. **Jornalismo electrónico**: internet e reconfiguração de práticas na redação. Coimbra: Minerva, 2000.

CANAVILHAS, João Messias. (2001) **Webjornalismo**: considerações gerais sobre jornalismo na web. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=canavilhas-joao-webjornal.html>.

_____. “Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada”. In: BARBOSA, Suzana (Org.). **Jornalismo digital de terceira geração**. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DIZARD, Wilson. **A nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ECO, Umberto. **Obra aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: editora Perspectiva, 1969.

LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia**: arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.